

TRÊS QUARTEIRÕES EM PORTO PRÍNCIPE: o desenvolvimento do Fuzileiro Naval para o combate do século XXI

RENATO RANGEL FERREIRA*

Contra-Almirante (FN)

JULIO CESAR FRANCO DA COSTA**

Capitão de Mar e Guerra (FN)

JOSÉ EMILIO DE OLIVEIRA RODRIGUES***

Capitão de Mar e Guerra (RM1-FN)

CARLOS ALEXANDRE DE A. JANNECHEVITZ****

Capitão de Fragata (FN)

SUMÁRIO

Introdução

Teoria — Guerra em Três Quarteirões

1º Quarteirão: Combate Urbano e Ponto Forte

2º Quarteirão: Operações Cívicas-Militares e Eleições

3º Quarteirão: Terremoto e Furacão

Conclusão

Anexo

INTRODUÇÃO

O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) está pronto para o século XXI. Os 13 anos de envolvimento na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah) em muito contribuíram para isso.

O ciclo de preparação, emprego e transmissão das lições aprendidas possibilitou a adaptação do Fuzileiro Naval (FN) ao perfil do combate moderno. O giro desse ciclo foi facilitado pelo fato de ele estar concentrado em apenas três unidades: os Batalhões de Infantaria de Fuzileiros Navais – Paissandu, Riachuelo

* Comandante do Material do Corpo de Fuzileiros Navais. Integrou o 10º Contingente na Minustah, de janeiro a julho de 2009, como Comandante do GptOpFuzNav.

** Comandante da Tropa de Desembarque. Integrou o 11º Contingente na Minustah, de julho de 2009 a fevereiro de 2010, como Comandante do GptOpFuzNav.

*** Comandante da 24ª Grupamento de Operações de FN no Haiti. Integrou o 9º Contingente na Minustah, de maio a novembro de 2008, como Comandante do Componente de Combate Terrestre do GptOpFuzNav e no 24º Contingente, de maio a dezembro de 2016, como Comandante do GptOpFuzNav.

**** Encarregado do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais FN. Integrou o 24º Contingente na Minustah, de junho a dezembro de 2016, como Chefe do Estado-Maior do GptOpFuzNav.



Detalhe do uniforme de fuzileiro naval

e Humaitá, que, por 26 contingentes, revezaram-se como núcleo dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais-Haiti (GptOpFuzNav-Haiti ou Bramarcoy). A acertada iniciativa de empregar militares recém-chegados da missão na preparação do próximo contingente possibilitou a transmissão de conhecimento atualizado e a conseqüente e continuada adaptação às evoluções do ambiente operacional. E é justamente a rápida evolução do ambiente operacional que caracteriza o combate moderno.

Este artigo vai se valer do conceito de "Guerra em Três Quarteirões" para demonstrar a evolução ocorrida e apontar como os FN estiveram sempre prontos, triunfando nas diversas missões que lhes foram atribuídas. Estas missões têm perfis de combate distintos, abrangendo todo o amplo Espectro das Operações Militares (EOM), variando desde as de alta intensidade, como na fase da chamada "Pacificação" e as que impunham neutralidade da tropa, como nas diversas eleições, até as que demandavam o en-

gajamento humanitário com a população, como nos casos dos terremotos e furacões.

TEORIA – GUERRA EM TRÊS QUARTEIRÕES

Este conceito, concebido em meados da década de 1990, indica, conforme o aludido em seu título, a possibilidade de que as próximas guerras ocorressem em ambientes urbanizados. Essa predição mostrou-se, em boa medida, correta, como indicaram os conflitos ocorridos no Iraque, na década seguinte, e os recentes combates contra o Estado Islâmico.

Uma avaliação similar pode ser feita em relação às Operações de Paz, que em muitos casos são conduzidas em vilas e cidades de importância política, econômica, cultural e social para a estabilização de determinado conflito. Particularmente no Haiti, pôde-se perceber que as principais ações da Minustah, desde seu início até sua conclusão, ocorreram principalmente em sua capital, Porto

Príncipe. Nela foram instalados a sede da missão, o Comando do Componente Militar e as bases de suas principais unidades, como o Batalhão Brasileiro (Brabatt) e o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais-Haiti.

Além da referência ao ambiente futuro dos conflitos, o conceito também apresenta em seu título uma referência espacial limitada: a guerra ocorreria em apenas três quartelões. O que isto quer dizer?

Este aspecto do conceito revela, talvez, a mais importante faceta dos conflitos modernos: a necessidade de modulação da intensidade de aplicação da força.

Nos combates, até então, havia pouca necessidade de se modular essa intensidade. Aplicava-se, quase sempre, a força máxima disponível. Quando isso não ocorria, a razão prendia-se às limitações logísticas da própria força ou à necessidade de observar o princípio de guerra de Economia de Forças para emprego em local mais oportuno. As razões eram pertinentes à própria força.

O novo conceito iluminou um outro aspecto do ambiente operacional que se apresentava: a presença da população no campo de batalha. Em guerras passadas, como a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e a do Vietnã, o combate ocorria, principalmente, no campo, e quando ele se aproximava das cidades, estas já estavam evacuadas ou com sua população rendida.

Com o fim da Guerra Fria e a estabilização das fronteiras internacionais, os conflitos generalizados de alta intensidade e amplo emprego de força passaram a dar

lugar às crises, em maior número, mais dispersas pelo planeta e com demandas de emprego de força menos intensas. Nessas situações, as ações militares poderiam ocorrer em meio à população civil, que, dependendo do caso, ainda poderia estar vivendo em sua cidade a despeito do conflito.

A esse fato novo alia-se a crescente presença da mídia em combate, observando, reportando e, por fim, influenciando a condução do combate moderno, particularmente quando ele se aproxima da população civil.

Assim, o conceito de três quartelões aponta que as ações militares não poderiam

As ações militares no conceito de três quartelões não poderiam prescindir da interação com a população e de uma nova abordagem de emprego de força

prescindir da interação com a população civil e que, para tanto, uma nova abordagem de emprego de força deveria ser adotada, demandando adestramento específico e a modelagem de nova postura individual e coletiva da tropa.

Nessa abordagem, todo soldado deverá preservar sua tradicional capacidade de conduzir ações no extremo da violência em combate, já que certamente essas ações seriam necessárias. No entanto, o soldado deveria estar apto também a participar de operações nas quais deveria se portar com neutralidade em relação à população e, em outros casos, abandonar essa neutralidade e até se empenhar em Operações de Ajuda Humanitária em colaboração com esses mesmos civis.

Na verdade, as Forças Armadas já possuíam forças dedicadas a apresentar essas três capacidades. A atualização que o conceito trazia era com relação ao fato de no combate moderno não haver tempo para se trocarem as forças empregadas, apresentando, de acordo com a situação,

a postura e a tropa mais apropriadas. A presença da população e dos elementos adversos convivendo no mesmo campo de batalha urbano forçava a mesma força a possuir as três capacidades.

Ademais, além de cada soldado ter que possuir a habilidade de ser violento, neutro ou colaborativo, ele tinha que saber modular rapidamente a intensidade de suas ações em pouco tempo ou espaço, às vezes alternando-as em um simples cruzar de ruas entre um e outro quarteirão da cidade em conflito. Daí veio o título do conceito: a guerra seria conduzida, hipoteticamente, em três quarteirões. Isto é, em cidades, e com alternância de postura operacional em curto intervalo de tempo ou de espaço (KRULAK, 1999).

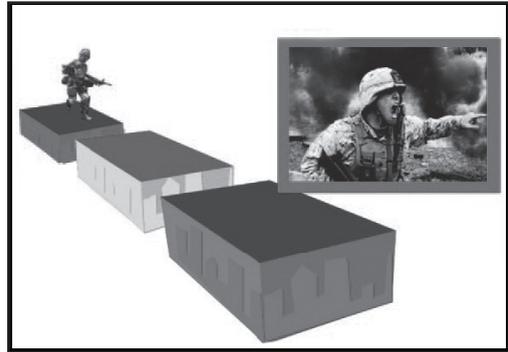
A implementação do conceito impôs que se passasse a observar a cultura da população local, assim como aspectos antes negligenciados, em certa medida, como a liderança em pequenos escalões, o que nos remete aos conceitos seguintes de Terreno Cultural e Cabo Estratégico.

Terreno Cultural

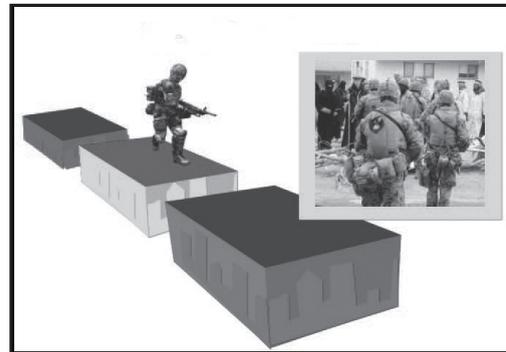
Uma importante evolução doutrinária decorrente dos conflitos recentes, desde a Guerra do Vietnã até as guerras no Iraque e no Afeganistão, na primeira década do século, é o aprofundamento dos estudos sobre Cultura Operacional.

Essa evolução decorreu da constatação de que alguns insucessos no campo de batalha urbanizado e habitado decorriam da não-observância de aspectos culturais da população local, a despeito, muitas vezes, de uma clara preponderância em termos de Poder de Combate. Assim, alguns centros de estudos militares passaram a aprofundar seus estudos, tanto em termos de se formular uma teoria que possibilitasse abordar

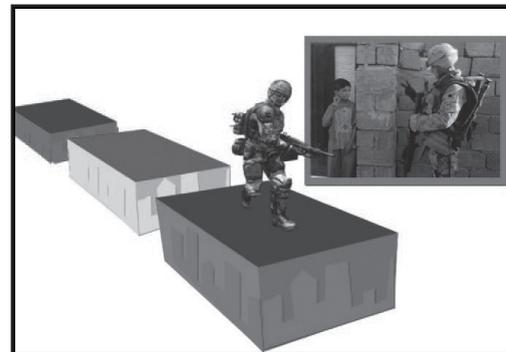
A GUERRA EM TRÊS QUARTEIRÕES REPRESENTAÇÃO GRÁFICA



1º Quarteirão – Combate Urbano



2º Quarteirão – Operações Cívico-Militares



3º Quarteirão – Ajuda Humanitária

adequadamente o tema da cultura nas operações militares quanto na coleta de dados e informações que permitissem compreender os aspectos culturais das principais regiões de interesse (SALMONI; HOLMES-EBER; 2008).

Neste contexto, passou-se a considerar o estudo do Terreno Cultural nos planejamentos. Uma solução prática foi a incorporação da letra "C" na abreviatura mnemônica dos fatores da decisão: Missão, Inimigo, Terreno, Meios, Tempo Disponível e Cultura (MITM-TC). Esse acréscimo mostra-se acertado, pois "por mais difícil que seja o aspecto físico das operações, o terreno cultural será mais complicado de navegar. A capacidade de compreender e efetivamente 'manobrar' na dimensão cognitiva e cultural do campo de batalha moderno é primordial" (EUA, 2008).

Com relação ao Haiti, pode-se afirmar que um dos fatores de força das tropas brasileiras foi justamente a capacidade intrínseca de compreender e considerar aspectos importantes da cultura local. Muitos desses aspectos eram transmitidos durante a preparação dos contingentes por meio de instruções sobre história, economia, religião, crenças, geografia e língua, que ajudavam a compreender a cultura local e a maneira de pensar e agir do povo haitiano, alvo de todas as ações.

Cabo Estratégico

Este conceito destaca a importância da liderança nos pequenos escalões. Pode-se afirmar que relaciona-se com os preceitos da Guerra de Manobra – um dos eixos estruturantes do CFN. Ele estabelece que, em ambientes e situações complexos, os militares devem estar habilitados a agir de

forma independente e a tomar importantes decisões na frente de contato para melhor explorar as oportunidades que se apresentem.

Em missões nas quais a situação pode evoluir rapidamente, aguardar por instruções de um comando superior situado em local remoto pode significar o insucesso da ação. Por outro lado, as decisões tomadas por estes militares na frente de contato podem comprometer o sucesso da missão dos

comandos de escalões acima. Assim, torna-se fundamental que os líderes, particularmente os de pequenas frações, estejam capacitados a tomar decisões rápidas e adequadas.

No complexo e instável ambiente operacional moderno, as decisões tomadas por um Cabo, normalmente o comandante da menor fração constituída – a Esquadra de Tiro –, precisam atender a dois propósitos: devem ser rápidas e oportunas, mas, ao mesmo tempo, não devem comprometer a missão dos esca-

No Haiti, um dos fatores de força das tropas foi a capacidade de compreender e considerar aspectos da cultura local

As decisões de um Cabo, comandante da menor fração – a Esquadra de Tiro –, precisam atender a dois propósitos: serem rápidas e oportunas, e não devem comprometer a missão dos escalões superiores

lões superiores. A decisão tática do Cabo pode ter repercussão no nível estratégico (KRULAK, 1999).

O Cabo Estratégico passa a ser fundamental para o sucesso das missões modernas.

1ª QUARTEIRÃO: COMBATE URBANO E PONTO FORTE

O chamado 1º Quartelão caracteriza-se pela intensidade das ações cinéticas levadas a efeito, muitas em meio à população civil. Nesse sentido, pode-se afirmar que a Minustah apresentou, particularmente durante seus três primeiros anos, um intenso 1º Quartelão.

Desde o início da missão, com a chegada do primeiro contingente, as ações militares demandavam uma postura operacional bastante combativa. As clássicas Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) das Operações Militares em Ambiente Urbano (Omau) foram largamente exploradas. Operações de Cerco e Vasculhamento; Patrulhas Motorizadas, Blindadas ou a Pé; guarnecimento de Postos de Segurança Estáticos (PSE); estabelecimento de Postos de Controle de Trânsito (PCTran), ações de reconhecimento; operações de resgate de pessoal confinado e de segurança de autoridades e delegações foram executados à exaustão.

A aplicação desse conjunto de TTP foi sendo aperfeiçoada e adaptada às demandas específicas do ambiente operacional da missão. Cada contingente,

sucessivamente, cumpria o ciclo de se preparar, empregar e transmitir conhecimentos atualizados aos que se seguiam. Esse ciclo possibilitou concentrar muita experiência e foi, sem dúvida, um fator de força para o sucesso alcançado. Dessa forma, o adequado preparo de cada contingente fez com que o sucesso fosse gradativamente alcançado. Aos poucos, o braço militar da Minustah foi avançando pelas áreas deflagradas dominadas pelas forças adversas.

O GptOpFuzNav-Haiti teve papel de destaque nessas ações. Uma ação em particular foi quando o grupamento recebeu nova Área de Responsabilidade, que abrangia parte da comunidade de Cité

O GptOpFuzNav se destacou ao receber Área de Responsabilidade que abrangia parte de Cité Soleil, conhecida tanto por sua pobreza quanto sua violência, o que impedia a presença de tropas da ONU

Soleil, conhecida à época tanto por sua pobreza quanto pela sua violência, o que impedia a presença de tropas da Organização das Nações Unidas (ONU). Nela, as regiões de Drouillard e Bois Neuf foram palco de intensos enfrentamentos, com grande volume de fogos dis-

parados de ambas as partes.

A tática concebida para a Batalha de Cité Soleil envolvia a conquista e instalação de Pontos Fortes, onde a tropa poderia obter algum abrigo e ter um ponto de apoio seguro para irradiar suas patrulhas. Assim, a localização desses Pontos Fortes era importante, pois esses lugares precisavam: estar situados próximos às antigas bases de operações das forças adversas desalojadas, evitando assim seu retorno; possuir capacidade de abrigo para até um pelotão; e oferecer visibilidade à população da presença da tropa.



Patrulha a pé

E assim foi feito. Sucessivamente, o GptOpFuzNav-Haiti logrou ocupar os Pontos Fortes Riachuelo, Humaitá e Paissandu. A partir deles, tornou-se possível o envio de patrulhas mecanizadas, motorizadas e, principalmente, a pé. Essa presença constante da tropa a pé nos estreitos becos e vielas e seu contato com a população local foram aos poucos consolidando a presença militar em Cité Soleil, o que possibilitou a pacificação, abriu caminho para as Operações Civis-Militares e, a longo prazo, conduziu à estabilização do país.

Pode-se afirmar que o sucesso no combate urbano e a conduta nas patrulhas a pé foram o diferencial dos soldados brasileiros e que essas ações em Cité Soleil foram

um ponto de inflexão das ações militares da Minustah.

Os FN tinham triunfado no 1º Quartelão.

Essa experiência acumulada em combate urbano foi a tônica da preparação e do emprego das tropas de FN, não só na fase inicial da missão, mas até seu último contingente. Em que pese o perfil da missão ter se abrandado ao longo do tempo, todos os contingentes se prepararam, igualmente, para o pior cenário, intenso em ações de combate.

2º QUARTEIRÃO: OPERAÇÕES CIVIS-MILITARES E ELEIÇÕES

O 2º Quartelão caracteriza-se pela imparcialidade, um quartelão típico das

Operações de Paz. A força militar tem de ter a capacidade de se impor com neutralidade em relação às forças locais, o que se mostrou particularmente útil na condução de diversos processos eleitorais ocorridos no Haiti e na execução das Operações Civis-Militares ao longo desses 13 anos.

Com relação aos processos eleitorais, o GptOpFuzNav-Haiti realizava tarefas diversas, tais como: proteção e distribuição de urnas e material eleitoral

em diversos centros de votação; segurança desses centros; segurança reforçada da Área de Responsabilidade, evitando-se tanto a escalada da violência

O sucesso no combate urbano e a conduta nas patrulhas a pé foram o diferencial dos brasileiros – as ações em Cité Soleil foram um ponto de inflexão das ações militares

A força militar tem de ser neutra em relação às forças locais, o que foi útil na condução de processos eleitorais ocorridos no Haiti e na execução das operações nesses 13 anos



Fuzileiro Naval em Cité Soleil



Eleições: transporte de urnas



Ações humanitárias com população local

como manifestações políticas de vulto; e, ao final, recolhimento das urnas e segurança dos locais de apuração. Para a condução de operações dessa natureza, a tropa soube se portar com a necessária firmeza e neutralidade, garantindo lisura e possibilitando o sucesso de diversos processos eleitorais.

Com relação às Operações Civis-Militares, notou-se o seu gradual incremento após a pacificação. Vale ressaltar que essas operações não substituíram as Omap, que continuaram sendo executadas durante toda a missão, passando apenas a haver mais espaço para ações das demais dimensões da Minustah.

Essa crescente demanda levou, em 2009, à ativação da Seção de Assuntos Cíveis no Estado-Maior (EM) do GptOpFuzNav-Haiti. Essa seção já existia nos estados-maiores do Batalhão Brasileiro, assim como no da Minustah. No mesmo sentido, ativou-se também o Centro de Operações de Paz (COP), em substituição ao Centro de Operações de Combate (COC). O COP serviu para integrar em um mesmo ambiente o trabalho das seções de Inteligência (S-2) e Operações (S-3) com o da recente Assuntos Cíveis (S-9).

3º QUARTEIRÃO: TERREMOTO E FURACÃO

O COP facilitou o planejamento e o emprego do GptOpFuzNav-Haiti no amplo EOM. A integração das seções possibilitava que cada uma operasse em proveito das outras duas, servindo, particularmente, para modelar a postura operacional do S-9, que, apesar de se relacionar bastante com entidades civis e com a própria população, não poderia perder de vista o caráter militar de suas ações. O S-9, assim, apresentava-se como

um multiplicador de poder de combate e não como um instrumento assistencialista (FERREIRA, 2009).

A prática sucessiva da condução dessas Operações Civis-Militares possibilitou validar a teoria da doutrina internacional das Operações de Estabilização. De particular interesse, destaca-se o conceito dos Paradoxos das Operações de Estabilização (ver Quadro). Esses paradoxos não devem ser tomados como dogmas, mas sim como orientação geral para a condução desse tipo de operação.

O 3º Quartelão, conforme já descrito, reflete um ambiente operacional permissivo, com forte demanda de uma postura colaborativa da tropa.

Em diversos momentos, cada GptOp-FuzNav-Haiti teve de se envolver em ações humanitárias em proveito da população local. A situação caótica, tanto em termos econômicos quanto de infraestrutura, conduzia a isso, podendo acontecer

no curso de um dia, durante uma patrulha ou nos próprios períodos eleitorais. É essa velocidade de alteração de postura que caracteriza o conceito da Guerra em Três Quartelões.

Neste contexto, dois eventos serão destacados dos demais devido à sua magnitude: o terremoto de 2010 e o furacão de 2016.

Terremoto

**Em diversos momentos,
cada GptOpFuzNav-Haiti
teve de se envolver em ações
humanitárias em proveito da
população local**

Em 12 de janeiro de 2010, o Haiti passou por uma grande tragédia de ordem natural. Nesse fatídico dia, o país foi abalado por um terremoto de 7.3 graus na escala Richter,

cujo evento principal ocorreu 10 quilômetros abaixo do nível do mar e a cerca de 15 quilômetros da capital, Porto Príncipe. Além de liberar energia equivalente a 0,5 tonelada de TNT, dezenas de *after-shocks* (réplicas que ocorrem após um terremoto de grande porte) sucederam-se,

Quadro - Paradoxos das Operações de Estabilização

- 1) Algumas vezes, quanto mais você protege suas forças, menos seguras elas ficam.
- 2) Algumas vezes, quanto mais força é usada, menos eficaz ela é.
- 3) Quanto mais bem-sucedida a Operação de Estabilização for, menos força pode ser usada e mais riscos devem ser aceitos.
- 4) Algumas vezes, não fazer nada é a melhor reação.
- 5) Algumas das melhores armas para as Operações de Estabilização não atiram.
- 6) A nação anfitriã fazer algo razoável é normalmente melhor do que se a Força de Estabilização estivesse fazendo o mesmo muito bem.
- 7) Se uma tática funciona esta semana, ela pode não funcionar semana que vem; se funciona nesta província, pode não funcionar na próxima.
- 8) Sucesso tático não garante nada.
- 9) Muitas decisões importantes não são tomadas pelos comandantes.

Fonte: EUA, 2006

com 33 outros tremores registrados nas dez horas seguintes, um deles com 5.9 graus de magnitude.

Esse fenômeno promoveu grande destruição, principalmente na capital haitiana. Estima-se que metade das construções foi destruída, 250 mil pessoas foram feridas, 1 milhão de habitantes ficaram desabrigados e que o número de mortos ultrapassou 120.000 pessoas.

Nessa tragédia que se abateu sobre o país, o Brasil perdeu 21 de seus cidadãos, entre eles 18 militares do Exército Brasileiro; a médica sanitaria e pediatra Zilda Arns, fundadora e coordenadora internacional da Pastoral da Criança; e o brasileiro Luiz Carlos da Costa, segunda maior autoridade civil da ONU no país.

Essa tragédia trouxe novas condicionantes para a missão. Além das tarefas que já eram realizadas para manter um ambiente seguro e estável, outras relacionadas à ajuda humanitária foram executadas pelo GptOpFuzNav-Haiti, entre elas: escolta de comboios de alimentos; segurança de equipes de resgate de diversos países, inclusive do Brasil, para remoção de escombros e busca de sobreviventes; doação de alimentos às diversas comunidades carentes; escoltas para recolhimento de dinheiro de bancos; reconhecimentos de portos no norte do país; segurança de depósitos de alimentos da ONU e apoio de segurança às distribuições de alimentos realizadas por outras tropas, instituições e organismos internacionais.

A diversidade e a quantidade de tarefas, aliadas à rapidez com que deveriam ser cumpridas, impuseram novos desafios aos FN do GptOpFuzNav-Haiti. Além disso, a tropa reagiu de maneira exemplar, com profissionalismo, comprometimento e dedicação durante todas as situações vivenciadas. Ao mesmo tempo em que compartilhava com os haitianos o sentimento de tristeza, sentia-se orgulhosa por poder ajudá-los a superar aquelas enormes dificuldades. Os FN sabiam o quanto era importante o Haiti retornar, o mais rápido possível, à normalidade. O país estava pacificado e era necessário

manter o nível de segurança alcançado após cinco anos de grandes esforços realizados pelas tropas da Minustah.

A atuação nesta situação crítica revelou aspectos positivos que merecem ser destacados: o pleno exercício da liderança em todos os níveis; o desenvolvimento da compaixão e do respeito pelo próximo; o autoconhecimento

derivado do longo período de confinamento; e a motivação e o comprometimento dos FN como os grandes diferenciais da missão.

No início de fevereiro, concluiu-se o rodízio de tropas e uma nova jornada iniciou-se para o GptOpFuzNav-Haiti – 12º Contingente.

O GptOpFuzNav-Haiti – 11º Contingente havia cumprido a grande missão da vida de todos seus integrantes, representando o Brasil, a Marinha do Brasil e o Corpo de Fuzileiros Navais. A missão resultou em sol-

Estima-se metade das construções destruída, 250 mil feridos, 1 milhão de desabrigados e mais de 120 mil mortos. O Brasil perdeu 21 de seus cidadãos, entre eles a médica Zilda Arns e Luiz Carlos da Costa, segunda maior autoridade da ONU



Apoio das tropas em regiões atingidas



Remoção de escombros e busca de sobreviventes

dados mais experientes e em pessoas muito melhores, além de ratificar que o maior bem do CFN são os seus combatentes anfíbios.

Furacão

A passagem do Furacão Matthew pelo Haiti, em 3 de outubro de 2016, foi uma grande oportunidade para a tropa testar essa capacidade de adaptação. Em um primeiro momento, a paz era mantida com escoltas e patrulhamentos pelas ruas de Porto Prín-

cipe. Em um segundo momento, a atenção de todos estava voltada para a segurança das eleições presidenciais, que exigiria um grande desdobramento dos militares por todo o país. Em um terceiro momento, tudo mudou. O anúncio da chegada do furacão exigiu uma mudança brusca no direcionamento das ações, e o que seria uma ação típica de segurança durante as eleições passou a ser uma ação de Ajuda Humanitária de difícil planejamento, pois não se sabia medir exatamente quais seriam as consequências sobre o país.

Depois de alguns dias monitorando o deslocamento do furacão, as agências especializadas divulgaram que ele passaria pelas cidades de Les Cayes e Jérémie, respectivamente a 192 e 287 km de distância de Porto Príncipe. Tendo o Force Commander visualizado a possibilidade das tropas da Minustah ficarem retidas na capital, impedidas de acessar a parte sul da ilha para prestar socorro, devido a possíveis quedas das pontes da única estrada de acesso, e como não havia muito tempo de reação, uma difícil decisão deveria ser tomada: ficar em Porto Príncipe e atuar somente após a passagem do furacão ou deslocar alguma tropa para uma posição além das pontes e mais próximo de onde ele passaria.

Pela confiança conquistada e por sua inegável capacidade expedicionária, os Fuzileiros Navais foram escolhidos pelo Force Commander para se posicionarem na cidade de Miragoane, a 93 km de Porto Príncipe e a 99 km de onde passaria o olho do furacão, instalando-se em uma base de Bangladesh, com suprimentos para durar dez dias sem necessidade de reabastecimento. Essa decisão foi recebida com muita apreensão, pois a tropa jamais havia enfrentado uma situação de furacão antes e não se sabia com precisão de que forma a cidade de Miragoane seria afetada. A vida



Imagens após passagem do furacão Matthew

de muitos militares poderia estar sendo colocada em risco.

A tropa se deslocou para Miragoane e, como se havia previsto, após a passagem do furacão, a ponte da Rodovia Nacional nº 2, na cidade de Petit Goave, 25 km antes de Miragoane, foi destruída, fazendo com que o acesso de Porto Príncipe para Les Cayes e Jérémie ficasse impedido. Somente o GptOpFuzNav, que foi posicionado em Miragoane, tinha condições de prestar apoio à população, recebendo, ainda, a tarefa de desobstruir o

acesso, por estrada, a Les Cayes e Jérémie. Nesse momento, o fuzil passou para as costas e as mãos que o empunhavam passaram a ser utilizadas para prestar ajuda às pessoas. A conduta nesse quartelão teve que ser alterada.

Na tarde de 4 de outubro de 2016, o GptOpFuzNav conseguiu atingir a cidade de Les Cayes, e dois dias depois os Fuzi-

leiros Navais foram os primeiros a chegar à cidade de Jérémie, liberando o acesso por estrada às duas cidades. A tropa foi deslocada de Miragoane e se instalou provisoriamente em uma base da ONU na cidade de Les Cayes.

A partir desse momento, com o acesso a Les Cayes e Jérémie liberados por estrada, a conduta no quartelão voltou a ser alterada. A tropa passou a realizar a escolta dos comboios com ajuda humanitária das diversas agências em apoio à ONU. O fuzil voltou a ser empunhado, agora para garantir a chegada de ajuda à

população nos mais remotos locais.

Um novo desafio surgiu. O GptOpFuzNav-Haiti estava operando a 192 km de sua base em Porto Príncipe e necessitava ser autossustentável. Mais uma vez a capacidade de resposta dos Fuzileiros Navais foi colocada à prova. A tropa mostrou sua capacidade expedicionária e uma outra característica bastante peculiar, a de fazer

O fuzil passou para as costas e as mãos que o empunhavam passaram a ser utilizadas para prestar ajuda às pessoas



Imagens após passagem do furacão Matthew

muito com pouco. As operações continuaram por diversas semanas, tendo sido realizados comboios de ressurgimento e rodízio de pessoal.

Considerando os fatos apresentados, fica patente que as ações realizadas durante a passagem do Furacão Matthew sobre o Haiti contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento das capacidades do FN no contexto da Guerra em Três Quarteirões. Esses FN foram testados em vários momentos e circunstâncias, tendo que mudar sua conduta por diversas vezes, mas mantiveram inabaláveis seu profissionalismo, sua retidão de procedimentos e sua vocação expedicionária.

CONCLUSÃO

Ao término de uma bem-sucedida participação de 13 anos do CFN na Mi-

nustah, pode-se afirmar que o soldado FN adaptou-se às demandas operacionais do combate moderno em cada um dos Três Quarteirões.

O FN está pronto para atuar e triunfar em todo o amplo EOM. Pronto para combater. Pronto para atuar com neutralidade. Pronto para colaborar.

Essas capacidades incorporadas,

além de constituírem um enorme diferencial para uma tropa já conhecida por seu profissionalismo, contribuem para aumentar o poder de combate e a credibilidade do CFN.

Conclui-se, portanto, que o CFN

sai da Minustah apto a cumprir sua Visão de Futuro, pois teve seu poder de combate fortalecido e, assim, em última análise, apresenta melhores condições de contribuir para a defesa da imensa Amazônia Azul.

As ações realizadas durante a passagem do Furacão Matthew sobre o Haiti contribuíram para o desenvolvimento das capacidades do FN

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS >; Fuzileiros Navais; Operação; Operação de Paz; ONU; Haiti;

REFERÊNCIAS

- EUA. Headquarters Department of the Army. FM 3-24 - Counterinsurgency. Washington, D.C., 2006.
- _____. Headquarters Marine Corps. Marine Corps Vision and Strategy 2025. Washington, D.C., 2008.
- FERREIRA, Renato Rangel. Haiti – Experiências do 10º GptOpFuzNav. *Âncoras e Fuzis*, Rio de Janeiro, 2009.
- KRULAK, Charles C. The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War. *Marines Magazine*, January 1999. Disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/strategic_corporal.htm>. Acesso em 27 jul. 2017.
- SALMONI, Barak A.; HOLMES-EBER, Paula. *Operational Culture for the Warfighter: Principles and Applications*. Marine Corps University Press. Quantico, Virginia, 2008.

ANEXO

COMBATE, APOIO HUMANITÁRIO E NEUTRALIDADE:

A experiência de um Fuzileiro Naval na Minustah

A preparação e a ansiedade logo acabaram. Embarcávamos em uma aeronave no Aeroporto Internacional Tom Jobim – Galeão – rumo ao Haiti, com escala em Rondônia.

Depois de ver uma extensão de mar quase infinita, consegui olhar pela janela e avistei a bela ilha. Sim, bela ilha! Do alto e à distância parecia um paraíso. Foram poucos olhares pela janela. Aterrisamos. Estávamos no Haiti! Descemos no aeroporto de Porto Príncipe, capital do país.

No local encontrava-se parte do contingente que já estava retornando ao Brasil. Ver os amigos de farda que lá estiveram por longos seis meses foi emocionante.

Logo avistei a Equipe de Comandos Anfíbios (Ecanf) do 5º Contingente. Recebemos as boas-vindas de nossos compatriotas. Foi incrível ver seus olhares e a vontade de todos de voltar para o Brasil.

Embarcamos nos caminhões e nos dirigimos direto para a Base de Fuzileiros Navais no Haiti Acadêmica Rachel de Queiroz (BFNHARQ), que ficava bem perto do aeroporto. A base me impressionou. Muito bem organizada, com instalações chamadas de “Corimec”, que lembravam contêineres



Patrulha a pé com a viatura Urutu

feitos de material plástico isolante. O solo de toda base era composto de uma camada de brita, nada como eu havia imaginado. Um clima de segurança total pairava no ar. O céu de lá era o mais azul que eu já tinha visto e o calor era realmente de espantar.

Partimos para conhecer a base e sermos acomodados. Acomodação rápida, apresentações feitas e tudo fica claro: patrulha, patrulha, patrulha, de todos os tipos e modos. Ouvíamos falar que as missões “tocavam” sem ninguém esperar. As patrulhas eram rotina da base, além de algumas tarefas de segurança no aeroporto e *check-point*. Porém essa rotina básica e le-

vemente tranquila acabaria.

Era clima de festa, final do ano e suas festividades – Natal e Ano Novo. A convivência dos militares era baseada na extrema amizade e na cordialidade. Todos estavam felizes e tudo transcorria da melhor maneira possível. Até que, em meio às comemorações natalinas, houve

a Operação Caroline, nome que soava tão sutil, mas que marcou a fundo a mente dos fuzileiros navais que ali estavam. Cité Soleil era o destino, lugar temido pela maioria das forças da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah). Foi sim o nome de uma mulher o nosso “batismo de fogo”, a primeira missão de grande vulto de nossas tropas.

A infiltração seria por meio de uma coluna mecanizada, a bordo da viatura blindada Urutu, até a posição. Logo de-

pois, a Ecanf se infiltraria a pé, cumprindo tarefas afetas à conquista de instalações importantes e posicionando-se de forma a obter o apropriado comandamento para apoiar as tropas no terreno, coordenando, avaliando e apoiando com atiradores de precisão. Depois deste batismo de fogo, a vida do 6º Contingente não foi mais de tranquilidade. Iniciava-se um ciclo de várias missões com pouquíssimo espaço de tempo entre elas, permanecendo dessa forma até o término de nossa estada nesse país chamado Haiti.

O vínculo entre os bravos militares tornava-se a cada dia mais impressionante, no melhor sentido da palavra. Muitos jovens inexperientes se mostraram profissionais autênticos. Com o tempo, foi sendo observada a melhora de todos, principalmente dos mais jovens, que passaram a trabalhar à altura de seus superiores. Pequenas discussões eram logo resolvidas pelos campanhas com aquele clima de “deixa disso”, “somos todos um pelotão”, “somos unidos” e “somos fuzileiros navais”! Era um espírito difícil de se ver até nas melhores instruções nos Batalhões no Brasil. Era interessante o poder da integração perante as diferenças. Talvez, uma capacidade brasileira jamais vista em outras ocasiões.

Certo dia, instalou-se um clima estranho na base durante as ordens de parada. Algo pairava no ar. Parecia que estava para acontecer outra missão, porém com uma resposta mais contundente da Força Adversa. Eles entenderam que as forças da ONU não poderiam conquistar as construções mais altas, pois as usavam para observação e pronta resposta com fuzis de precisão.

Essa foi a missão para conquistar um objetivo de alto interesse para o Comando. Construção sólida, alta, com bons campos de tiro e observação, seria um futuro Ponto

Forte de nossas forças. O lugar foi batizado de Ponto Forte Humaitá, em referência ao 2º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais do Brasil, o Batalhão Humaitá.

Em uma visão macro de toda a execução desse planejamento complexo, resumo a missão em: infiltração, assalto da instalação, segurança e vigilância (até a chegada de forças de apoio), além da realização de melhorias nas instalações para que o lugar comportasse, com segurança e condições mínimas habitáveis, uma tropa de pronta resposta. Foi necessário também serviço diário e serviço de 48 horas em situações especiais, com entrega de rancho na posição – café da manhã, almoço e jantar.

O serviço começou com muita curiosidade por parte da população. Foi colocado até um gerador para sustentar luzes e um ar-condicionado, além de terem sido abertas janelas nas paredes, com o uso de marretas, para observar setores dos quais não se tinha muita visibilidade. Tudo reforçado por sacos de areia, que serviam de barreiras contra os disparos da Força Adversa. A observação era diária, e com o tempo a rotina da população tornou-se familiar, sendo possível reconhecer as pessoas e perceber tumultos, bem como as razões que os motivaram. A observação torna-se a melhor arma de nossas forças.

O contato com a população demora um pouco, mas acontece com naturalidade. A descoberta dos haitianos de que somos brasileiros é um acontecimento, tornando os sorrisos e a aproximação inevitáveis. Percebíamos que no meio daquele lugar insalubre existiam pessoas de bem, e não eram poucas. Essas pessoas eram fascinadas pelo Brasil e pelos brasileiros, e por isso a bandeira nacional em nossos uniformes foi um belo cartão de visita.

A chegada do blindado Urutu perto do horário do almoço chamou a atenção

de todos. A fome é uma companheira das crianças deste lugar. Havia uma cerca do tipo concertina que fechava a rua onde ficava o Ponto Forte Humaitá, mas era aberta para que o blindado entrasse para descarregar o “picado” e o que mais fosse necessário. Este era o momento da correria da criança e, às vezes, de adultos também, para chegarem perto da entrada e pedir comida. Sempre com sorrisos e educação, explicávamos que não era permitido. Alguns reclamavam e faziam gestos ofensivos, mas o interessante é que a maioria entendia e recuava sem ataques, dando adeus.

Um militar avistou alguns cidadãos acenando. Parecia alguma confusão. Depois observou melhor... Era uma mulher grávida. A guarda do Ponto Forte do dia já havia sido informada que a mulher poderia estar em trabalho de parto.

A mensagem chega até a BFNHARQ e o Comando decide enviar uma médica até o local para realizar o parto. A população começa a ficar impaciente com a demora da médica, mas quando o blindado chega é recebido em clima de festa. A Capitão-Tenente (Md) Estela, militar da Marinha do Brasil e médica do 6º Contingente, desce do blindado já perguntando onde estava a mulher. Esta oficial médica me impressionou pela sua atitude em situações de emergência.

A aproximação da equipe de saúde fez com que a população, que se reunia ao

longo da cerca, ficasse ansiosa. A mulher chorou muito. O comandante da guarda do Ponto Forte determinou o reforço de todos os pontos de possível acesso ao local. Fiquei bem perto do atendimento à mulher grávida. Estava louco para olhar para trás e saber o que estava acontecendo, mas não podia fazer isso, pois deixaria de observar meu setor de responsabilidade.

Gritos e mais gritos daquela mulher, seguidos de um silêncio impressionante. Após o silêncio de uns cinco segundos, o choro. Nasce mais uma linda vida! Nos braços da doutora, a criança chorava. A população aplaudia e ovacionava. O semblante das pessoas mudou. *Brésil*

zanmi, Brésil zanmi. Foi bom escutar as pessoas gritando aquilo, diziam que os brasileiros eram amigos.

Voltamos para a base com o sentimento de dever cumprido. Nós trouxemos para a vida aquela linda criança chamada Estelinha.

Isto foi um pouco do trabalho e do profissionalismo dos militares integrantes do 6º Contingente. Temos muito mais histórias para contar, mas, como diz o jargão militar, “o que acontece na selva fica na selva”.

Parabéns aos nobres combatentes do 6º Contingente. Esta é uma pequena homenagem ao Pelotão Tucano. O melhor dos melhores!

Adsumus Haiti!

3º SG-FN-ET Júlio Cesar Rocha

**Gritos e mais gritos daquela
mulher, seguidos de um
silêncio impressionante.
Após o silêncio de uns cinco
segundos, o choro. Nasce
mais uma linda vida! Nos
braços da doutora, a
criança chorava**